

**#SEMFLTRO**



# #SemFiltro

GUSTAVO FRIDMAN



© Moinhos, 2017.  
© Gustavo Fridman, 2017.

*Edição:*  
Camila Araujo  
Nathan Matos

*Revisão:*  
LiteraturaBr Editorial

*Diagramação e Projeto Gráfico:*  
LiteraturaBr Editorial

*Capa:*  
Humberto Nunes

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

*Nesta edição, respeitou-se o  
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

F898  
Fridman, Gustavo | #SemFiltro  
ISBN 978-85-92579-27-2  
CDD 869.3  
Índices para catálogo sistemático  
1. Romance 2. Jovem Adulto I. Título

Belo Horizonte:  
Editora Moinhos  
2017 | 108 p.: 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Moinhos  
editoramoinhos.com.br  
editoramoinhos@gmail.com

## Sumário

#Nós	7
#Tragédia	11
#Pais	16
#MetrôFeelings	21
#HumilhaçãoEmPraçaPública	25
#FamiliaGaúcha	30
#VoltaPorCima	35
#FlashBack	40
#UmBomComeço	45
#DuploSentido	54
#Reflexões	59
#ObraDeArte	61
#Aplausos	63
#Terapia	70
#DeFilhoParaPais	78
#Proposta	83
#DiaD	88
#OlhoRoxo	93
#Ângela	96



## #Nós

Dia cansativo. E quando não é? Para alguém como eu, é muito difícil responder essa pergunta. Sou um pedreiro? Um médico? Ou talvez um professor do ensino médio? Ainda nem saí da escola, mas a minha rotina é mais cansativa do que de todos eles juntos. Eu sou um *nerd*.

Lutei contra este fato durante os meus quinze anos de vida. O grande problema é que todas as batalhas, e consequentes êxitos, seguiram apenas em mente. Já tive diversas ideias para acabar com todo o tormento presente na vida de quem tem esse rótulo estampado na testa. Algumas parecem fazer muito sentido. Entretanto, só descobrimos se a solução é eficaz quando a colocamos em prática. Josias não combina com prática. Josias é apenas teoria.

O conformismo aparece quando você se olha no espelho e pensa: Por que eu nasci assim? Poderia, ao menos, ser bonito, esperto, engraçado, alto ou charmoso. Qualquer uma das qualidades citadas já faria de mim a pessoa mais feliz do mundo. Não. Eu sou excelente em matemática e não consigo trocar mais do que duas palavras com as pessoas.

Faço isso direto. Sintomas de depressão? Pode até ser. Fui convencido pelos meus pais a visitar uma psicóloga na semana que vem. Pensam que sou introspectivo demais e, na maioria das vezes, inexpressivo. Só porque não discuto passionalmente todos os dias

da minha vida, como eles sempre fazem, não quer dizer que exista algo de errado em mim. Eu sei que há, mas não é esse o motivo.

Admiro as pessoas quietas e introspectivas, mas não gosto de ser como elas. Para muitos, isso pode valer como opção ou estilo de vida. Para mim, é uma tortura. Em belos sonhos, sinto coragem para dizer o que penso. Conto com a ajuda daquela tradicional ironia judaica. Acho que tenho potencial. Apenas não consigo colocar tudo para fora. Minha única relação com o humor é o fato de ser constantemente a piada do dia.

Não vejo problema em ser franzino do jeito que sou. Talvez um pouco. Mas o que posso fazer? Já tentei me imaginar em uma academia, dividindo aparelhos com indivíduos cuja barriga é feita de mármore e os braços parecem troncos de árvore. É impossível! A minha maravilhosa personalidade inexistente já é muito apreciada no colégio. Não há motivos para frequentar uma academia e tornar este terrível comportamento mais público ainda. Se o problema fosse apenas meu corpo, eu seria tão feliz. Cabelo castanho avermelhado completamente rebelde, sardas e espinhas cobrindo noventa por cento do rosto e pele indescritivelmente branca. Qual menina, em sã consciência, ficaria com alguém como eu? A resposta é bastante óbvia, Josias, pare de fazer perguntas bobas.

Tenho uma amiga. Uma única amiga. Nenhum amigo. Ainda não consigo entender os motivos que levaram Ângela a se aproximar de mim. Acredito que pelo fato dela ser incompreendida também. Mesmo assim, nossas situações sociais são bem opostas. Ela tem de sobra aquilo que eu jamais cheguei perto de ter: personalidade. Não se importa com o que os outros pensam e demonstra, muitas vezes de forma exagerada, sua indignação com as atitudes das pessoas. Meninas fúteis, meninos estúpidos. Ângela nunca aturou esse tipo de gente. Muitas vezes, me xinga por eu não conseguir controlar a risada no meio dos seus discursos igualitários. No fim das contas,



acaba caindo na gargalhada também, percebendo que algumas das suas teorias não são aplicáveis ao mundo em que vivemos.

No caminho totalmente oposto, aparece a ladra da maioria dos meus pensamentos. Julinha está sempre na moda. Não que eu entenda alguma coisa disso. Procuro sempre usar camisetas com mensagens irônicas. Acho que para justificar a minha ausência de manifestações em público. Enfim, a Julinha aparece cada dia de um jeito diferente, mas igualmente lindo. Independente dos seus longos cabelos negros estarem presos ou não, da sua blusa ser amarela ou preta, a única coisa que permanece igual é o sorriso que, diariamente, ilumina os corredores da escola. Apaixonado? Eu? Claro que não! Desconheço o verdadeiro significado da palavra. Só podemos nos considerar apaixonados se temos algum tipo de relação com a pessoa amada. Eu estou muito distante de dizer “Oi” para ela. E já somos colegas há sete anos! Minha atração pela Julinha tem outro nome: obsessão. Acesso, pelo menos quatro vezes por dia, os perfis dela no *Facebook* e no *Instagram*.

É bem verdade que vivo me divertindo com vídeos bizarros inseridos diariamente no *Youtube*. Agora, quem quer ser o protagonista desses filmes? Poucas coisas podem ser mais humilhantes do que ter seu fiasco audiovisual disponibilizado na internet com milhares de acessos. Talvez, apenas uma coisa. Quem filmou e postou foi o “Digo”, meu maior rival. Pelo menos na minha imaginação é isso que ele é.

Rodrigo, conhecido pelas meninas e amigos como Digo, é um daqueles otários que sempre acaba conseguindo o que quer. Burro como uma porta, ilude os pobres *nerds* da sala para que eles passem os gabaritos das provas. Esse é o namorado da Julinha. Como imaginar a possibilidade de concorrer com ele? Chance zero. Já que são três horas da manhã e eu não consigo pregar o olho, resolvi escrever este texto na área de notas do meu celular. A

Ângela disse que poderia me fazer bem iniciar um diário. Como não vejo sentido algum em usar lápis ou caneta, decidi relatar meus desastres no celular mesmo.

O que se fala ao terminar um texto de diário? Acho que “é nós”!

## #Tragédia

Horário de almoço para alunos do ensino médio. Um refeitório com capacidade para duzentas pessoas, completamente lotado. Parecia um dia normal. Não que isso fosse bom, nunca foi. Mais uma vez, fui escolhido como alvo número dois da turma. Perdia apenas para o Alcides Baleia. O nome composto foi inventado por um capanga do Digo, no ano passado, quando o garoto entrou na escola. O tempo passou, Alcides engordou e o nome ficou ainda mais coerente com a sua situação.

Eu sempre fui apenas o mudo esquisito. Quando o professor de geografia me perguntou o que era um solstício, a mesma coisa de sempre. Bolas de suor por todo o corpo, garganta seca e nada. Branco total. Fiquei mudo durante dez segundos. Pareceram três horas. Quando percebeu que eu não responderia, o professor mais querido pelos populares resolveu aumentar um pouco a humilhação.

– Garoto, você deveria deixar de ser tão tagarela.

Observação: sei que, em 450 anos, os depoimentos do meu celular estarão entre os grandes registros do Século XXI. Por isso, decidi reproduzir, também, o que as pessoas, por mais inúteis que sejam, falaram ao longo do dia.

Momento diário de vergonha cumprido com honra ao mérito. As risadas ecoavam pelo andar inteiro. Bolinhas de papel voavam em minha direção, fazendo com que as bolas de suor se unificassem,

formando uma grande poça d'água em minhas costas. Eu estava na segunda fileira, ao lado da porta. Muitos poderiam reagir a isso fugindo, pedindo permissão para ir ao banheiro ou coisas do gênero. Como eu nunca tive muita, ou alguma reação, decidi ficar por ali mesmo até que o professor fizesse papel de bonzinho e pedisse a todos que parassem de rir das dificuldades de um pobre aluno.

Depois de mais alguns minutos de tortura chinesa, onde o método infalível do cochicho foi escolhido pelos torturadores, o sinal finalmente tocou. Saí correndo da sala. Ângela me acompanhou. Escutou as palavras: estúpido, fracassado, otário e bosta, com a maior naturalidade. Após o meu desabafo, algo pouco esperado de mim, principalmente em locais públicos, ela me olhou com cara séria. Eu tinha certeza de que viria alguma piada.

– Você precisa se tratar. Tem medo de quê? Responde pra ele! Qualquer coisa é melhor do que ficar olhando para o professor com cara de bunda, suando mais do que velho depois de um *cooper*. E vê se cura essa gagueira. Isso me dá nos nervos...

– Gagueira não tem cura, socialista dos infernos!

– Melhor ser socialista do que cagar nas calças quando um professor faz alguma pergunta. Principalmente quando você sabe a resposta.

Ela sempre vencia. Como de costume, nos olhamos por um momento e, em seguida, começamos a rir um do cara do outro, enquanto caminhávamos até o palco da tragédia.

Em uma fila imensa, senti que me observavam. Micos em sala de aula se espalham rapidamente e, mesmo se não tivesse acontecido nada, eu e a Ângela formamos uma dupla bizarramente incompatível. Ela é alternativa e revoltada. Com seu *All Star Azul*, enfrenta tudo e todos. Eu, com tiques nervosos e aparência pálida, não consigo encarar nem a senhora simpática, responsável por

servir a comida. Naquele dia, ela olhou para mim com um sorriso dócil e falou:

– Você está muito magro. Tem certeza que não quer mais almôndegas?

Acredito que o “não” respondido por mim tenha sido a palavra falada de forma mais baixa na história da sociedade mundial.

Só queria que o dia terminasse o mais rápido possível. E tudo estava se encaminhando para isso, com exceção da velocidade com que o tempo passava. Um almoço, uma aula de revisão de biologia e pronto.

Sempre achei que as placas amarelas alertando para o chão molhado fossem inúteis, ou, pelo menos, nunca havia parado para pensar na utilidade que elas podem vir a apresentar para a sociedade. Por exemplo, um jovem de quinze anos tem a possibilidade de evitar um escorregão na frente do colégio inteiro. A ausência do alerta provocou o final de uma vida social ainda não iniciada. Caí de uma forma cinematográfica, dificilmente vista alguma vez na vida real. Minha coluna acertou em cheio o piso de mármore do refeitório, seguida do restante do tronco e, por fim, da minha cabeça.

Almôndegas voavam em minha direção e eu não podia fazer nada. Uma fração de segundo depois, as bolas de carne se encontraram com meu nariz. Enquanto isso, o macarrão cumpria a função de se espalhar pela minha camiseta com a frase *Everybody Lies* e o rosto de Hugh Laurie, ator que interpreta o protagonista da série *House*. A única forma de piorar a situação seria a presença do *Dr. House* no refeitório. Eu não aguentaria as piadinhas irônicas daquele manco ranzinza. Não que elas não tivessem sido feitas por, no mínimo, nove décimos dos alunos presentes.

– Quer mais molho no macarrão, trouxe?

– Não pode levar o almoço pra casa, amigão. Nem adianta colocar no bolso!

O mundo girava ao meu redor. Talvez eu tenha desmaiado. Acho que simplesmente fiquei em choque por um tempo. Diversos pensamentos rondavam meu cérebro. O que eu faço agora? Simplesmente levanto e sigo para a aula de biologia? Começo a chorar para ver se as pessoas param com as piadas? Acerto um soco no primeiro, a partir de agora, que falar alguma coisa? Rezava para que tudo aquilo tivesse sido um pesadelo. Afinal de contas, a cena toda é muito cinematográfica para ser real.

Senti uma repentina dor nas costas. Das duas uma: ou a queda curaria definitivamente minha postura torta, ou, aos 23 anos, eu já estaria andando como um idoso recém-atropelado. Recobrei a consciência no momento em que escutei a voz que eu menos suportava. Esqueci completamente a primeira sensação que tive após a queda. A dor com certeza seria o menor dos meus problemas.

– Diga oi para a câmera, *nerd!*

Levei um susto. Fiz uma careta bizarra. Princípio da ação e reação: eu agi como um idiota e o público deu risada. Digo vibrou com a possibilidade do seu canal no *Youtube* decolar de vez. Ângela encarava o máximo de pessoas que ela conseguia, mas sabia que nem a sua fama de durona resolveria ou, ao menos, diminuiria o que eu estava sentindo. Tenho certeza de que já senti aquilo algumas vezes em minha vida. De repente, até mesmo na aula de geografia, alguns minutos antes. Mas a escala do momento era infinitamente maior. Mais do que humilhado, eu estava totalmente impotente.

E o pior, em situações como essa, é cara de pena. Risadas são risadas. Querendo ou não, deve ter sido engraçado mesmo. Mas olhar ao redor para alguns rostos que, sem legenda alguma, podem ser traduzidos como “pobre *nerd!*”, coloca automaticamente o alvo, no caso eu mesmo, em um nível abaixo dos outros. Como se eu fosse uma pessoa completamente desprotegida, sem solução alguma, digna de pena.

E não se pode confundir pena com apoio. Pena significa “ainda bem que eu não sou assim”. Apoio representa “estou com você e não abro”. Para se apoiar alguém, você nunca deve fazer aquela terrível cara de cão sem dono. É falsa, com certeza. A pessoa que está ao seu lado, que realmente se importa com você, nunca fará a tal da cara. Ela pode rir, chorar, esbravejar ou demonstrar qualquer outro sentimento. Entretanto, tem certeza de que você dará a volta por cima. A Ângela estava com uma cara séria. Ela transmitia uma espécie de confiança para mim. Não sei explicar direito. Simplesmente me sentia seguro.

A segurança desabou quando, em meio à multidão, encontrei o único rosto que eu jamais desejaria encontrar. Ainda pior do que o Digo. A Julinha estava lá. Não gargalhava como a maioria das pessoas. Ela sentia pena de mim. Antes que a primeira lágrima brotasse em meu rosto, Ângela ofereceu sua mão. Estanquei os pensamentos, forcei meu corpo franzino e, com um impulso, confiando no braço que me suportava, levantei. Por sorte, o segurança da entrada compreendeu que a aula de biologia era incompatível com o estado em que eu me encontrava e abriu a tão sonhada exceção. Permitiu que eu saísse mais cedo, contanto que aquele segredo ficasse entre nós. Ângela não teve a mesma sorte.